#### UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

### FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

124

INSCRIÇÕES 527-530



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA

2014

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

#### Instituto de Arqueologia

Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Palácio de Sub-Ripas

P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



### PLACA FUNERÁRIA ROMANA DA HERDADE DA COMENDA GRANDE

(Conventus Pacensis)

Identificámos, no mês de Janeiro do ano de 2013, durante uma visita de carácter amigável, na Herdade da Comenda Grande, situada na União de Freguesias de S. Gregório e Santa Justa, concelho de Arraiolos, uma lápide funerária romana rectangular, de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa<sup>1</sup>. Não se sabe, no entanto, o local da sua proveniência, apesar de existirem relatos da sua transferência desde o Monte das Flores, no concelho de Évora, perto da antiga via de ligação entre *Ebora* (Évora) e *Salacia* (Alcácer do Sal), onde foi identificado um importante miliário fragmentado em dois<sup>2</sup>.

O seu estado actual resulta do desgaste devido aos factores climatéricos, e até antrópicos, a que tem sido exposta ao longo do tempo; no entanto, apesar de alguns menos nítidos (caso do A no final da l. 1 e do L da l. 2), todos os caracteres se reconstituem sem dificuldade, apenas podendo

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Agradecemos ao proprietário da Herdade, Eng.º. António Joaquim Lopes, a gentileza de nos haver proporcionado a possibilidade de estudarmos o monumento. É sua intenção mantê-lo na sua posse.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Bilou (Francisco), Sistema Viário Antigo na Região de Évora, Lisboa, 2005, p. 48.

subsistir alguma dúvida acerca da existência, ou não, de pontuação. Falta boa porção do ângulo inferior direito, mas tal não afectou a inscrição, pois a última linha terminava ali e a palavra AVNIA da l. 3 só foi afectada na metade inferior das duas últimas letras. Campo epigráfico rebaixado, delimitado por moldura de gola directa, com cerca de 10 cm de largura.

Dimensões: 57 x 91 x 9.

Campo epigráfico: 37 x 71.

IVLIA Q(uinti) F(ilia) AMOENA / ANN(orum) XX (viginti) H(ic) S(ita) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) [L(evis)] / TERENTIA P(ublii) F(ilia) AVNIA / MATER F(aciendum) C(uravit)

Aqui jaz Júlia Amena, filha de Quinto, de 20 anos. Que a terra te seja leve. A mãe, Terência Áunia, filha de Públio, mandou fazer.

Altura das letras: 7 cm. Espaços: 1 a 4: 2; 5: 6.

Paginação cuidada, com alinhamento à esquerda. Sentese, pela regularidade das linhas, que houve linhas de pauta, ora imperceptíveis. Os caracteres são actuários, de travessões breves e *ductus* um tudo-nada inclinado para trás: O levemente ovalado; Q de haste horizontal e breve; X simétrico; R feito a partir do P, com perna ligeiramente lançada para diante, elegantemente curvada no final; P aberto.

Os nomina Iulia e Terentia são tipicamente latinos. Se de Iulia temos, na Lusitânia e no conventus Pacensis, muitos testemunhos, Terentia não será assim tão frequente<sup>3</sup>. No conventus Pacensis, o facto de termos uma devota de

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Registaram-se, até ao momento, na Lusitânia, mais de 30 testemunhos, nomeadamente em zonas bastante romanizadas, como é o caso de Mérida, a capital, ou o território olisiponense: cf. NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁ-DABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida – Bordéus, 2003, p. 317-318 (mapa 292).

Endovélico que se identifica com esse *nomen* levou-nos a pensar que a sigla T. patente em IRCP 528<sup>4</sup> se poderia desdobrar em *Terentius*, a atestar a popularidade do *nomen*; o mesmo se pensou em relação a *L. T. Rufinus* de IRCP 585; contudo, são hipóteses não demonstráveis. Mas há uma *Terentia Tertulla* na região de Évora (IRCP 405) e um *Terentius Crysogonus* em Cuba (IRCP 334).

Amoena é cognomen que amiúde se une ao gentilício Iulia. Embora latino, tem um significado concreto — «a bonita», «a afável»... — pelo que rapidamente foi adoptado pela população indígena<sup>5</sup>. Aunia, ao invés, apresenta-se como de raiz indígena, muito presente em ambientes de forte carácter local<sup>6</sup> e Vallejo Ruiz dedica-lhe bastante atenção, na sua análise sobre a antroponímia indígena da Lusitânia romana<sup>7</sup>. Esta amálgama de nomes demonstra uma verdadeira ligação ao processo de aculturação, que terá sido levada a cabo durante a primeira metade do século I d. C., data na qual se enquadra esta epígrafe, atendendo à paleografia e à simplicidade do texto, sem invocação aos deuses Manes.

Um aspecto há a salientar: o epitáfio é mandado lavrar pela mãe em memória da filha de 20 anos. O normal, numa circunstância destas, seria que fosse dedicatória da responsabilidade dos pais; ora, aqui o pai está ausente! Poderse-ia pensar que já tivesse falecido; no entanto, a hipótese de documentarmos aqui mais uma evidência do papel dominante que a mulher então detinha na sociedade<sup>8</sup>, eco

IRCP = ENCARNAÇÃO (José d'), Inscrições Romanas do Conventus Pacensis
 Subsídios para o Estudo da Romanização, Coimbra, 1984.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Só no *conventus Pacensis*, quatro testemunhos: IRCP 66, 126, 355 (?) e 588.

O Atlas (p. 111, mapa 52) regista 10 testemunhos (sempre no feminino). No conventus Pacensis, em Vila Viçosa (IRCP 444). Anote-se que a leitura Aunia Brocina (IRCP 153) foi, mediante novo exame da epígrafe, corrigida para Munia Brocina: cf. Encarnação (José d'), «Problemas em aberto na epigrafia mirobrigense», Conimbriga 35 1996 142-144 [= HEp 7 1997 nº 1203].

VALLEJO RUIZ (José María), Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 758.

<sup>8</sup> Cf. Encarnação (José d'), «Mães e filhos passeando por entre epígrafes», in Mª Carmen Sevillano San José et alii (edits.), El Conocimiento del Pasado.

de um matriarcado não muito distante<sup>9</sup>, não será, de forma nenhuma, despropositado; é também à mãe – e apenas à mãe – que cumpre fazer o luto pela extremosa filha, fenecida na flor da juventude.

RUBEN BARBOSA JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

*Una Hierramienta para la Igualdad*, Salamanca, 2005, 101-113. Acessível em <a href="http://hdl.handle.net/10316/11518">http://hdl.handle.net/10316/11518</a>, com mais bibliografia sobre o tema, designadamente: Fernandes (Luís), «A presença da mulher na epigrafia do *conventus Scallabitanus*», *Portugalia* 19-20 1998-1999 129-228.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Vide o livro, já clássico, de J. J. BACHOFEN, El Matriarcado (Una investigación sobre la ginecocracia en el mundo antiguo según su naturaleza religiosa y jurídica), uma edição de María del Mar Llinares García, Akal Universitaria, Madrid, 1987.





# ESTELA FUNERÁRIA NA HERDADE DA MOITA (Conventus Pacensis)

Em visita aos monumentos megalíticos da zona entre Montemor-o-Novo e Évora, no Inverno de 2012, o grupo de que um dos signatários (J. J.) fazia parte perdeu-se e foi pedir indicações à Herdade da Moita (com acesso pela estrada nacional 370), no trajecto entre a localidade de Nossa Senhora da Graça do Divor e a A6. Nesse local deparámo-nos com uma laje epigrafada incorporada na parede do edificio principal do monte (situado na freguesia de Nossa Senhora da Graça do Divor, concelho de Évora). Cerca de dois anos depois, em Outubro de 2014, voltou-se ao local, tendo em vista a recolha de dados mais pormenorizados.

A lápide é de granito cinzento de grau médio, com micas, quartzo e fenocristais de feldspato, muita pátina e líquenes; há um veio alaranjado deste mineral no terço direito da pedra, que passa sobre o Q e entre o I e o F. Aliás, as 'incrustações' avivam, de certo modo, os sulcos das letras. O facto de o pedreiro ter deixado o topo superior arredondado, ainda que só nos apercebamos da argamassa, torna verosímil que se trate de uma estela de topo arredondado, ora oculto, por aí ter, eventualmente, a face muito desgastada; mas também se aceita que haja apenas querido dar-lhe um ar mais estético, e a estela ser de talhe irregular, a exemplo das duas que referimos em FE 402, provenientes do mesmo horizonte cultural.<sup>2</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> A caseira da propriedade recorda-se de a epígrafe se encontrar neste local há várias décadas. Não nos foi possível contactar o proprietário.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> BILOU (Francisco) e ENCARNAÇÃO (José d'), «Lápide funerária da Herdade

Dimensões: 40 x 37 x ?3

[...]LIAE [?] / DOCQ/VIRI · F(*iliae*) / [...] [?]

De ..., filha de Doquiro...

Altura das letras: 9 cm.4 Espaços: 1: ?; 2: 3; 3: 5; 4: 8.

Alinhamento à esquerda, por quanto nos é dado perceber. Gravação feita mediante goiva. Caracteres com tendência a monumentais quadrados, mas rudemente gravados, dada a natureza da superfície a epigrafar: O elíptico; Q de perna quase na horizontal e levemente ondulada; V de vértice um tudo-nada arredondado, segundo nos é dado perceber; R aberto.

Na actual 1. 1, as letras mais se adivinham pela tonalidade mais escura do que pelo tacto. A primeira letra afigura-se-nos ser L; o I e o A cremo-los claros, podendo haver um E no final. Será a terminação, em genitivo, de antropónimo que começa na linha de cima: *Iuliae? Aemiliae?...* O R de *Docquiri* não se distingue claramente. Na actual 1. 4, um traço levemente encurvado sugere C – e teríamos, nesse caso, a fórmula F(*aciendum*) C(*uravit*); também poderia ser apenas H(*ic*) S(*ita*), na medida em que a densidade dos líquenes era passível de ocultar o H; é mais natural, porém, que não haja fórmula final.

A identificação da defunta em genitivo não é fora do comum em estelas de primórdios do século I da nossa era, datação que lhe atribuímos não apenas pela paleografia mas sobretudo pela identificação à maneira indígena, sendo porventura o nome da defunta latino enquanto o nome do pai – *Docquirus* – se inclui na antroponímia claramente lusitana: o *Atlas* <sup>6</sup> regista 20 testemunhos

da Torre do Lobo, Torre de Coelheiros, Évora (Conventus Pacensis)», Ficheiro Epigráfico 88 2009, inscrição nº 402. Acessível em: <a href="http://hdl.handle.net/10316/12240">http://hdl.handle.net/10316/12240</a>

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Espessura indeterminada, porque a pedra está à face da parede do edifício.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Esta é a medida média, porque a irregularidade do talhe provocou variações entre letras da mesma linha.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Na epígrafe da Torre da Coelheira, a defunta vem grafada assim: *Tongetae Pitinnae f(iliae)* e é este, aliás, o texto completo; na outra estela que nesse estudo se menciona (IRCP 403), recorda-se *Mailo Caenonis f(ilius)*.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁBADA (José Luís) [coord.], *Atlas Antropo-*

(com a grafia *Docquirus* ou sem o C); Vallejo Ruiz não hesita: é «nombre típico lusitano com pocos ejemplos fuera».<sup>7</sup>

Esta epígrafe vem confirmar o que já se escrevera, a propósito da referida lápide funerária da Herdade da Torre do Lobo:

«Enquanto no perímetro urbano da cidade [de Évora] a epigrafia obedece a cânones importados, nomeadamente no que à tipologia dos monumentos diz respeito, e a onomástica é latina, nos arredores da cidade persistiu uma cultura autóctone que pouco a pouco se deixou influenciar».

Também esta estela da Herdade da Moita é «notável exemplo» desse «estádio de aculturação».

José d'Encarnação João Pedro Joaquim



528

nímico de la Lusitania Romana, Mérida – Bordéus, 2003, p. 161, mapa 113.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Vallejo Ruiz (José María), Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 303. Ver ibidem, passim (indice, p. 765), mas de modo especial as p. 301-303, com mapa de localização.

# ESTELA DE JARAICEJO (CÁCERES) (Conventus Emeritensis)

Esta inscripción fue hallada por Wenceslao Mohedas Ramos¹ en la década de los 70 del siglo pasado en el entorno de una *villa* romana emplazada a unos 5 km del municipio de Jaraicejo, en las proximidades de la calzada que unía *Emerita* con *Caesaraugusta*. Junto a la mencionada *villa* se puede ver hoy una ermita consagrada a la Virgen de los Hitos que debió levantarse aprovechando los restos de la antigua construcción romana. Se asienta esta *villa* en la vertiente oriental de la cordillera Oretana, próxima al río Almonte afluente del Tajo, en un paraje de gran belleza dominado por el bosque de la dehesa.

El epígrafe fue recogido ya por Beltrán² en sus inscripciones de Cáceres, pero sin fotografía y con un dibujo enviado por su descubridor. Según información de su propietario se comunicó el hallazgo al Museo de Cáceres y expresó sus deseos de que pasara a formar parte de los fondos del mismo. Por las circunstancias que fueren la piedra nunca llegó al museo y actualmente se conserva adosada al brocal del pozo situado en el patio de su casa de Jaraicejo. Hemos creído conveniente dar a conocer

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Agradecemos sinceramente a Wenceslao Moheda Ramos la afectuosa acogida que nos dispensó en su domicilio y las facilidades para el estudio de la pieza.

MIGUEL BELTRÁN LLORIS, «Aportaciones a la epigrafía y arqueología romanas de Cáceres», Caesaraugusta 1975-1976, 39-40, 27 nº 5 (AE 1977, 389; HEpOL, 20312).

esta inscripción con su correspondiente material gráfico para conocimiento de la comunidad científica.

Se trata de la mitad superior de una estela de granito gris con cabecera redondeada. Presenta abundantes concreciones de líquenes y el lateral izquierdo está muy erosionado, pero el texto se lee sin dificultad. La rotura afecta al neto inscrito que está incompleto.

Dimensiones: (57) x 40 x 16.

D(is) · M(anibus) · S(acrum) / CORNELI/[VS vel A---]/---

Consagrado a los dioses Manes, Cornelius o Cornelia...

Altura de las letras: 1: 8; 2: 7.

Las letras, bien marcadas y muy regulares, son capitales cuadradas y la interpunción punto. En la línea 2 hay enlace *NE*. La *S* final de la primera línea está muy borrada. No hay que descartar que el nombre del difunto pueda ir en dativo, aunque las inscripciones tempranas de esta zona suelen ir siempre en nominativo.

El conmemorado es un individuo que posiblemente lleve *duo nomina*. La onomástica es romana y muy común, puesto que el gentilicio *Cornelius* está ampliamente representado en la epigrafía peninsular y es el quinto más utilizado en Lusitania. En la zona de *Turgalium* aparece hasta cinco veces más en inscripciones de Campo Lugar³, Escurial⁴, Plasenzuela⁵, Madrigalejo⁶ y Trujillo¹.

El gentilicio republicano suele aparecer en inscripciones de cronología temprana, fechables en el siglo I o en el II d. C. las más tardías; al menos en lo que a esta zona se refiere. Corresponden

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> JULIO ESTEBAN ORTEGA, Corpus de inscripciones latinas de Cáceres II. Turga-lium, Cáceres 2012, nº 467.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> *Ibidem*, 504.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> *Ibidem*, 636 y 643.

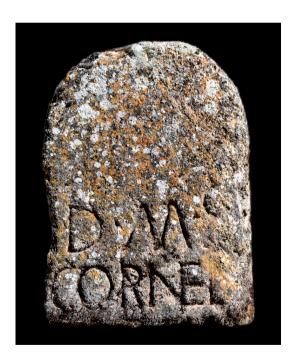
<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> *Ibidem*, 609.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> *Ibidem*, 766.

a textos funerarios – y algunos votivos – muy escuetos, con la fórmula funeraria abreviada y utilizados en ambientes claramente romanos. En el caso de Campo Lugar incluso se especifica su condición de ciudadano romano adscrito a la tribu *Papiria*, a la que se adscribían los ciudadanos emeritenses.

Por la dedicatoria a los dioses Manes se fecharía en el último tercio del siglo I o en el II d. C. La ausencia del *praenomen* parece generalizarse a partir de los Flavios, lo que vendría a confirmar esta cronología.

Julio Esteban Ortega José António Pajuelo Jiménez



### CUPA FUNERÁRIA ANEPÍGRAFA EM VEIROS (Conventus Emeritensis)<sup>1</sup>

Cupa funerária romana, de mármore branco de Estremoz/Vila Viçosa, identificada a 8 de Novembro de 2014, no sítio da Penha, limite urbano de Veiros (Estremoz),² na sequência da informação de um morador.³

Pelas informações recolhidas no local, a cupa terá vindo, em data incerta, do adro da vizinha igreja de Nossa Senhora dos Remédios, local de inúmeros vestígios romanos, pressupondose a existência de uma necrópole romana, o que, a confirmar-se, encontraria paralelos no Alentejo (por exemplo, Nossa Senhora de Aires). Esta dedução presta-se ainda à hipótese de uma via romana com passagem no local, situação perfeitamente compatível com a localização da referida igreja, pois situa-se num vale com muito boa transitabilidade, associado ao atual eixo viário Veiros – Santo Aleixo. Recorde-se que abundam os testemunhos da presença romana neste território, muitos deles ainda bem vivos na memória local. De facto, a profusão e qualidade dos materiais, bem como a notícia de uma estrutura hidráulica antiga perto de Veiros, reclamam, só por si, a urgente necessidade de uma carta arqueológica concelhia.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> É nossa presunção que o local pertenceu ao *conventus Emeritensis*, porque nas proximidades se encontraram epígrafes em que os defuntos foram inscritos na tribo Papíria, de Mérida: IRCP 442 e 461.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Coordenadas geográficas: 38° 57' 03.87" N; 7° 30'10.51" O; altitude 300 m.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Deve-se esta informação a José Rainho que acompanhou ao local a equipa constituída por Francisco Coimbra, João Santos e Francisco Bilou.

A sua posição, invertida e encaixada nos muretes de apoio, dificulta uma leitura integral; todavia, não parece ter campo epigráfico nem epígrafe, tão só um dos topos mostra uma decoração linear visível, quiçá posterior (Fig. 1). Apresenta tronco cilíndrico regular em razoável estado de conservação, com quatro aros triplos (e não duplos, como é corrente) representados em baixo-relevo (Fig. 2), o que, para além da inusitada proporção das dimensões, lhe dá singularidade no contexto das cupas desta região da Lusitânia.

Ainda que um dos cantos do plinto esteja truncado, a restante peça é bastante regular, facto que deve ter contribuído à sua reutilização como mesa (Fig. 3).<sup>4</sup>

Dimensões: 165 x 90 cm (plinto).

Altura da cupa: cerca de 25 cm.

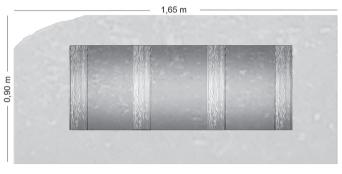
A cupa, ainda que anepígrafa, indicia – como, aliás, também se salientou em relação à citada cupa de Santa Margarida do Sado – que terá existido por perto uma oficina de canteiro, que prepararia este tipo de sepulcro para a população. Este não chegou a ser comprado para receber o epitáfio.

Note-se, por fim, que estão a decorrer diligências para que a Junta de Freguesia de Veiros translade a peça, com devido conhecimento e apoio técnico do Museu Municipal de Estremoz, ao espaço museológico de uma instituição educativa local, passo imprescindível à sua salvaguarda, estudo e valorização.

Francisco Bilou José d'Encarnação

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Recordamos que situação deveras semelhante ocorreu com uma outra cupa, também anepígrafa, de Santa Margarida do Sado, reaproveitada para degrau de acesso ao templo: ver Encarnação (José d'), «Monumento funerário posto a descoberto em Santa Margarida do Sado (Ferreira do A1entejo)», *Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*, 29, série 1, 1987, 29-36. Tais circunstâncias justificam o apelo para que, doravante, também este tipo de reutilização seja acautelado por parte dos arqueólogos em acções de prospecção.









530